A REPRODUÇÃO DIGITAL E A PERDA DA AURA

THE DIGITAL REPRODUCTION AND THE LOSS OF AURA

José Marcos Cavalcanti de Carvalho[1]

Abstract — *The changes through technical reproduction provided new possibilities for interaction with information through technical means of reproduction was possible to see new relationships arising from reproductions and transmissions of information. There was a profound change in the relationship between people and the transmission of information from the digital reproduction technique, which provides a list of great dependence on the distribution of information. Every kind of joint or cultural production and dissemination are characteristic of historical and technological period itself, each advancing stage is the product of a particular time and it is own. So we live a revolution based on reproduction and transmission of our social referents, mainly driven by digital transcription. This discussion is embedded in the current transformation of reference and analog proceedings for its digital transcription, creating new ways of articulation of information.*

Index Terms — *Digital , reproduction, technique, digital transcription.*

O Capitalismo na sociedade contemporânea atua como uma força motriz da história sendo o fomentador de novas propostas sociais inseridas nas necessidades de geração de lucro e acúmulo de capital. O desenvolvimento dos meios de transcrição digital está intimamente ligado às necessidades do capitalismo em manter os seus lucros por intermédio de uma estrutura interligada mundialmente voltada a geração de lucro.

Segundo Lopes [6], a emergência da "Sociedade de consumo" e a falibilidade dos modelos fordista/keynesiano em resolver a crise do capital, originaram uma crença nas relações imediatas e com isso um processo de "reestruturação" capitalista, que foi motivado pela crise dos sistemas anteriores e tenta, como era previsto, estabelecer uma nova forma de atuação mercadológica marcada pela lógica da especulação voltada para um capital transnacional servindo-se da mobilidade e realocação do capital, que dava a essa geração de produtos, um caráter "imaterial" das forças produtivas, o que motivou dessa forma o caráter cultural e tecnológico do período.

Esse período cultural necessitava de mecanismos que pudessem atender a demanda de novos meios de distribuição de informação fortemente inseridos na articulação de sistemas produtivos voltados à demanda. Principalmente nos anos de 1960, surgiram estruturas apoiadas na geração de serviços voltadas a atender cada vez mais o consumidor de maneira particular e diferenciada. Foi necessário ao desenvolvimento do capital, nesse determinado período histórico, a utilização de meios tecnológicos informáticos voltados ao gerenciamento de dados, e o desenvolvimento de meios de comunicação que pudessem transmitir de uma forma eficaz e organizada esses dados, que deveriam ser estruturados de modo a atender as demandas proporcionadas pelo surgimento do novo perfil consumista transnacional. Esse desenvolvimento foi principalmente focado no setor de serviços, e a sociedade que se estabeleceu em torno desse perfil do mercado convencionou-se chamar de *Sociedade de Consumo*.

Esse período produziu produtos que atendessem a demanda pela multiplicação de produtos que nem sempre tinham uma diferença contrata entre eles, mas que possuíam diferenças secundárias. Segundo Lopes [6], "Trata-se não da promoção de diferenças reais, mas de sua substituição por diferenças periféricas que, embora totalmente dispensáveis à funcionalidade dos objetos, convergem para modelos personalizados e são transformados em signos de uma liberdade de escolha meramente formal – na medida em que os termos dessa *escolha* são determinados não pelas diferenças reais entre as pessoas, mas pelas formas diferenciais, industrializáveis e comercializáveis."

A partir da desvinculação do referente com o referenciado pelo princípio do declínio da referência, já abordado nos textos de Benjamin [3] como sendo a perda da aura do objeto pela sua reprodução perpassa pelas argumentações de Baudrillard [1] sobre as fases que a imagem atravessa: "...com a simulação a causa objetiva deixa de existir", elucidando as fases em que a imagem atravessa [1] menciona que: "Ela é o reflexo de uma realidade profunda; Ela mascara e deforma uma realidade profunda; Ela mascara a ausência de uma realidade profunda; Ela não tem relação com qualquer realidade: ela é o seu próprio simulacro puro."

A partir dessas questões que são de suma importância as nossas considerações sobre a importância das relações sobre as reproduções técnicas digitais, ou como convencionamos chamá-las *"transcrições digitais"* abrem um campo muito interessante de discussão sobre as

[1] José Marcos Cavalcanti de Carvalho, Doutorando em Educação Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie - Professor da Universidade Anhanguera, Rua Afonso Celso, 235, Vila Mariana, SP, Brazil, zemarqs@yahoo.com.br

DOI 10.14684/WCCA.8.2015.332-335

© 2015 COPEC

alterações de percepção advindas das tecnologias de reprodução, citando Lopes [6] "a percepção contemporânea tem nas imagens seu elemento fundante." Muito mais que a própria imagem ser a o elemento básico de constituição da percepção contemporânea, o que realmente tornou a imagem um ponto importante nessa perspectiva foi à possibilidade de reprodução pelos sistemas de reprodução técnicos dos referenciais sociais, esses sim, alinhados a uma representação cultural e social da nossa sociedade contemporânea.

Para McLuhan [8] o homem serve-se do seu meio para estabelecer suas relações com o mundo e esse mesmo homem, por intermédio da linguagem, estabelece sua comunicação e referencia sua mediação com o mundo. Tudo aquilo que permite prolongar ou estender a capacidade humana em relação a sua limitação é considerado como extensão deste. Então, em uma relação social que cultua o valor da imagem de um objeto, e não o próprio valor do objeto, mais sim um valor convencionado, nos insere numa sociedade em que os referenciais veiculados pelos *media* seriam a base da consciência e da relação social.

Assim sendo, esses referenciais podem sofrer a perda da sua aura e serem rearranjados continuamente. Podemos dizer que a intervenção dos *media* seria um ponto fundamental nesse processo, sendo que os *media* além de serem os canais por onde esses dados são transmitidos, e essa transmissão é a reprodução de algum referencial social, a compreensão do mundo e dos aspectos sociais e culturais sempre sofrem com a perda de sua aura, o seu "*hic et nunc*", que passam a ser reproduzidos e massificados pelos *media*. Segundo McLuhan [8] "Os efeitos da tecnologia não ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas das percepções, num passo firme sem qualquer resistência."

Baudrillard [1], em sua obra "Simulacros e simulação" trata exatamente dessas questões em torno da copia dos referenciais e da simulação de um acontecimento pelos *medias*: "Algo que se perdeu (desapareceu): a diferença de um para o outro" Baudrillard [1], se referindo a perda da diferença daquilo que é efetivamente real daquilo que não é, ou seja, sua simulação. Em uma sociedade em que a divulgação dos referenciais é sempre mediada pela reprodução, seja essa simplesmente técnica ou passando pelo meio digital sempre possibilita a manipulação desses conteúdos, mas notadamente nos conteúdos transcritos digitalmente. Segundo Machado [7], "É preciso observar, entretanto que, enquanto dado codificado em impulsos eletrônicos e processado em memórias de máquinas, a informação é indiferente ao dispositivo de saída. Teoricamente pelo menos uma mesma informação depositada em suportes digitais pode ser atualizada sob forma de música, imagem, texto, escultura holográfica ou qualquer outra modalidade de saída. No estado propriamente eletrônico, a informação – não importa se de uma peça musical, de um texto poético ou de uma imagem computadorizada – não consiste em outra coisa senão em que impulsos ondulares ou *bits* numéricos. A escolha do meio de exibição é que vai definir o caráter formal da mensagem."

A reprodução hoje em dia ainda continua passando por processos apenas técnicos e mecânicos, mas está cada vez mais sendo estruturada por meios e processos digitais, visto a evolução e popularização das impressoras 3D que possuem uma grande flexibilidade na confecção dessas reproduções. Ainda, em Machado [7] "... ela está ali para todos os efeitos práticos, mas, a rigor, não passa de uma equação matemática à qual se deu forma plástica, através de um algoritmo de visualização. Basta mudar-lhe os parâmetros numéricos para que ela se transfigure em outra coisa e basta cancelar o algoritmo de visualização para que ela retorne ao seu estado de pura sensibilidade matemática, em repouso nas memórias digitais."

O que nos importa analisar nessa transformação são as questões voltadas às reproduções feitas por intermédio dos sistemas computacionais hoje utilizados, não é necessário e nem se faz questão discutir sobre o caráter do que é, e o que não é original na era da reprodução digital, Lévy [4] comenta: "No mundo digital, distinção do original e da cópia há muito perdeu qualquer pertinência. O ciberespaço está misturando noções de unidade, de identidade e de localização."

As colocações de Lévy [4] complementam as colocações de Baudrillard [1] quando ele expõe sobre a perda do referencial daquilo que é a realidade, que sempre é rearticulado nas simulações. Ele ainda coloca alguns questionamentos de como poderíamos diante dessas colocações, estabelecermos direitos e deveres em relação aos conteúdos difundidos digitalmente, principalmente sobre a propriedade dessas transcrições. Para Lévy [4], deveria haver um desenvolvimento, uma sofisticação do direito autoral que deveria se desenvolver em duas direções: da passagem de um direito territorial a um direito de fluxo e passagem do valor de troca do valor de uso.

Atualmente aprendemos a conviver muito bem com as possibilidades de reprodução digitais principalmente com relação a arquivos mediados digitalmente, a própria comunicação vai vulgarizando, ou melhor, massificando o compartilhamento desses arquivos.

Os arquivos digitais são propícios à reprodução, por intermédio dos meios e processos informáticos, incluindo-se aqui não só hardware como software, a reprodução digital não necessita de uma habilidade técnica específica para sua efetivação. A reprodução deixa hoje de ser exclusivamente feita por pessoas com habilidades técnicas específicas e passa a fazer parte do cotidiano de qualquer individuo que tenha acesso aos computadores e aos softwares necessários. Segundo Machado [7] "A cultura da reprodutibilidade baseava-se na generalização da cópia, segundo o método clássico da imprensa de Gutemberg. Com a desmaterialização do objeto cultural, o conceito de cópia (e, por extensão, o de reprodução) torna-se destituído de seu significado. A cópia está ainda aprisionada a um objeto

único que não é mais o *original*, visto que não se destina à exibição. A posse da matriz implica o controle das cópias, o que quer dizer que a cultura da reprodutibilidade não corresponde a qualquer democratização plena dos bens culturais. Claro pode-se também copiar uma cópia. Mas a fotografia obtida a partir de uma outra cópia fotográfica, ou filme obtido de uma cópia cinematográfica, ou ainda a fita magnética copiada a partir de outra fita magnética não traduzem exatamente a mesma informação audiovisual."

Nesse sentido se colocam as questões do virtual e da atual virtualização e sua capacidade de potencialização de reprodução infinita mediada pelos sistemas computacionais que são os vetores para uma profunda mudança de comportamento em relação ao alheio, ao conteúdo.

A partir das novas tecnologias digitais os referenciais sígnicos têm um caráter de difusão muito amplo por estarem transcritos digitalmente, pois esses podem ser transmitidos de uma maneira rápida e eficiente por vias que não tem a barreira física para dificultar-lhes a difusão, pois o espaço-tempo se altera de forma significativa nessa relação.

Assim, a sociedade contemporânea passa por um processo de transformação muito grande a partir das tecnologias mediadas digitalmente, que virtualizam as informações e contribuem para uma mudança significativa nas relações humanas por transcenderem os limites físicos outrora determinantes.

Todas as maneiras de virtualização são elevações de potência, pois se inscrevem em uma problemática de vários possíveis atualizáveis. Diferente do que o senso comum pode imaginar o virtual não é uma força de oposição ao real, mas sim, do atual. Ele participa da construção do real e interage com ele na manifestação das possibilidades e de suas decorrentes atualizações [4]. Assim sendo, o que falta ao virtual é exatamente a possibilidade da realização, quando essa é manifestada, a problemática é então solucionada por umas das possibilidades latentes do virtual, que agora se opõe ao estado do atual e sua consequente diminuição de potência.

No campo da pesquisa que nos propomos discutir a virtualidade tem um papel importante por encontramos aí um campo profícuo às questões da transcrição digital mediada pela reprodução digital. Ela devolve a um determinado material que teve sua potencialidade diminuída pela sua constituição no *aqui e agora*; no atual, elevando-a potencialmente. Inserindo-a novamente na problemática da atualização, com a vantagem de agora ser armazenada binariamente. Existe aqui uma distinção entre a potencialização que é efetivada em meio analógico que só permite algumas atualizações e sua infinita possibilidade enquanto transcrito digitalmente por possuir muitas possibilidades de atualização, inclusive física.

Para alguns autores e para Santaella [11] estamos vivendo uma revolução digital que se caracteriza por uma nova maneira de enxergarmos e interagirmos com o mundo, e essa maneira de mediação instrumental está alterando de forma significativa a nossa percepção e a maneira como interagimos no cotidiano. Com o advento dos meios de comunicação e com as tecnologias técnicas digitais e o aperfeiçoamento dos meios de comunicação estamos atravessando uma grande mudança na organização das informações que já está implicando em profundas mudanças na nossa sociedade e cultura. Segundo Lévy [4] "A informação e o conhecimento, de fato, são doravante a principal fonte de produção da riqueza. Poder-se-ia retorquir que isto sempre foi assim: o caçador, o camponês, o mercador, o artesão, o soldado deviam necessariamente adquirir competência e se informar sobre o ambiente para executar suas tarefas. Mas a relação com o conhecimento que experimentamos desde a Segunda Guerra mundial, e sobretudo depois dos anos setenta, é radicalmente nova."

As mudanças são sentidas em todas as áreas que permitem a mediação eletrônica e sua transcrição digital, além daquelas que estão ligadas as telecomunicações de um modo geral, atualmente quase todas as nossas atividades estão voltadas em algum ponto a utilização de sistemas informáticos e esses alteram as relações de mediação com as nossas atividades: Santaella [11] comenta"...cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio."

Acreditamos que a transcrição digital é um dos fatores mais atuantes nessa nova configuração perceptiva e mediática, pois, através da transcrição dos referencias através do código binário como discute Santaella [11] os suportes puderam ser organizados em uma só forma de armazenamento e distribuição. "Antes da digitalização, os suportes eram incompatíveis: papel para texto, película química para a fotografia ou fita magnética para o som ou vídeo."

A transmissão desses dados transcritos digitalmente independe de qualquer suporte físico para sua distribuição, mas continua dependendo de uma configuração instrumental onde possa ser armazenado e distribuído necessitando apenas de um mediador para a sua atualização. Para Lévy [04] "... aquilo que está em jogo não é a realização (cópia, impressão, etc), mas a atualização, a leitura, isto é, a significação que ela pode assumir em contexto...". Para Santaella [11] após a transcrição dos referenciais para dados digitais, esses dados híbridos podem ser realizados em qualquer tempo e espaço e independem da sua emissão original, evidentemente desde que haja instrumentos aptos a realização dessas informações, convém salientarmos.

Um dos principais meios de virtualização é a própria linguagem, pois ela efetivamente faz o lugar de outro o que lhe caracteriza como um dos componentes do virtual, que é nomear ou falar de algo que não está presente. Com as tecnologias digitais atuais muito se discute sobre o virtual como se fosse uma característica própria aos meios digitais atuais, mas a linguagem já produzia um caráter virtualizante há muito tempo.

Acreditamos que a velocidade em que se estabelece o processo virtualizante atualmente é muito mais rápida do

que outrora, principalmente por intermédio da transcrição digital que é um meio de reprodução técnico muito prático e difundido atualmente. Por esse motivo acreditamos que a sua percepção na sociedade só teve esse vulto atual pela velocidade que acompanha as tecnologias digitais, visto que o processo virtualizante já estava contido na própria natureza humana enquanto sociedade articulada por uma linguagem.

A evolução cultural e social humana foi motivada pela reprodução de seus referencias e a posterior possibilidade de reprodução por intermédio das técnicas reprodutivas em larga escala, o que culminou nas transformações sociais averiguadas atualmente, e na consequente perda da aura das transcrições digitais.

REFERÊNCIAS

[1] Baudrillard, Jean. "*Simulacros e simulação"*. Lisboa: Relógio D'água, 1991, pp. 08, 13, 40.

[2] Bellour, Raymond. "*Entre-imagens"*. São Paulo: Papirus, 1997.

[3] Benjamin, Walter. "*A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*". In: Col.Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

[4] Lévy, Pierre. "*O que é o virtual ?"*. Rio de Janeiro: 34, 1996, pp. 48, 54, 67.

[5] _____, Pierre. "*As tecnologias da inteligencia*". Rio de Janeiro: 34, 1997.

[6] Lopes, Ruy Sardinha. "*A imagem na era de sua reprodutibilidade eletrônica"*. Dissertação de Mestrado. ECA - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1995, pp. 8, 26.

[7] Machado, Arlindo*. "Máquina e imaginário"*. São Paulo: Edusp, 1993, pp. 18.

[8] McLuhan, Marshall. "*Os meios de comunicação como extensões do homem"*. São Paulo: Cultrix, 1974, pp. 74.

[9] Parente, André (Org.) "*Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual"*. Rio de Janeiro: 34, 1993.

[10] Pignatari, Décio. "*Informação, linguagem, comunicação"*. São Paulo: Cultrix, 1932.

[11] Santaella, Lúcia. "*Culturas e artes do pós-humano*". São Paulo: Paulus, 2003, pp. 64, 83-84.

[12] Schaeffer, Jean-Marie. "*A imagem precária. Sobre o dispositivo fotográfico"*. Papirus: Campinas, 1996.

[13] Sontag, Susan. "*Sobre fotografia"*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.